

A alteridade nos estudos da enunciação e do discurso

Filipe Almeida Gomes*

Giovane Fernandes Oliveira**

Lauro Gomes***

A noção de “alteridade” remonta à filosofia clássica, no diálogo *O sofista*, de Platão, em que, ao tratar das categorias fundamentais da realidade, o filósofo sustenta, dentre outras coisas, que o “Ser” se define numa relação de diferença com o “Não ser”. E é com isso em mente, por exemplo, que o linguista Oswald Ducrot, em seu prefácio à obra *O intervalo semântico*, de Carlos Vogt, assume que, embora pouco conhecida dos linguistas, a teoria da alteridade de Platão pode ser interpretada como um fundamento filosófico da teoria do valor linguístico de Ferdinand de Saussure.

Na contemporaneidade, a “alteridade” é uma noção fundante das teorias da enunciação e do discurso, adquirindo, evidentemente, contornos conceituais específicos em cada referencial teórico. Assim, em termos gerais, mesmo com suas especificidades conceituais, as perspectivas enunciativas e discursivas admitem, no que concerne à noção de “alteridade”, uma divisão em dois grandes grupos. De um lado, estão as

1 Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutor em Letras - Linguística e Língua Portuguesa pela PUC Minas. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7356-3128>.

2 Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutor em Letras - Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor de Linguística e Língua Portuguesa do Centro de Letras e Comunicação (CLC) da UFPel. Pesquisador de Pós-Doutorado Júnior (PDJ/CNPq) no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8251-8353>.

3 Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutor em Letras - Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor de Linguística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras e Artes (ILA) da FURG. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1302-2693>.

perspectivas mais filiadas ao legado saussuriano, que veem a alteridade no âmbito tanto da língua como sistema (as relações de identidade e de diferença entre os signos) quanto da língua como discurso (as relações entre os locutores e entre as palavras em seus enunciados). De outro lado, estão as perspectivas mais críticas ao legado saussuriano, que veem a alteridade no âmbito do discurso em suas relações com a ideologia, com as vozes sociais, com as entonações expressivas e com o inconsciente.

Dentre os representantes do primeiro grupo, destacam-se Émile Benveniste, com suas formulações pioneiras sobre a enunciação, a subjetividade, a intersubjetividade, a referência e a semiologia; Roman Jakobson, com suas reflexões também precursoras sobre os *shifters*, o esquema da comunicação e as funções da linguagem; Antoine Culioli, com sua Teoria das Operações Enunciativas; Oswald Ducrot e Marion Carel, com sua Semântica Argumentativa, desde os primeiros postulados da Teoria da Argumentação na Língua, passando pela Teoria Polifônica da Enunciação, até os conceitos mais recentes da Teoria dos Blocos Semânticos; e Henri Meschonnic, com sua poética centrada nas relações subjetivas, intersubjetivas e transsubjetivas.

Dentre os representantes do segundo grupo, destacam-se Valentin Volóchinov, com seu método sociológico, que, ao formular conceitos relativos à interação discursiva, destaca a incontornável natureza social do enunciado/discurso; Mikhail Bakhtin, com suas considerações sobre o romance, que trazem à cena a discussão sobre a polifonia literária, a heteroglossia, os gêneros do discurso; Michel Pêcheux, com sua Análise do Discurso, cujo quadro epistemológico articula a linguística ao

marxismo e à psicanálise; Jacqueline Authier-Revuz, com suas noções de “heterogeneidade constitutiva” e “heterogeneidade mostrada”, cujo potencial descritivo é atestado pela análise de variadas representações do discurso outro no fio discursivo.

Além de integrar essas e outras perspectivas enunciativas e discursivas, a noção de “alteridade” é central em estudos que, à luz dessas perspectivas, investigam distintos fenômenos, desde os mais estritos (ligados às formas linguísticas e a seus efeitos de sentido) até os mais amplos (ligados à natureza da linguagem e do humano). Dentre os fenômenos mais estritos, figuram os índices de pessoa, espaço e tempo, a pressuposição, a negação, o humor, a ironia, o discurso reportado, o pré- construído, o discurso transversal, as glosas, os modalizadores verbais e fraseológicos. Dentre os fenômenos mais amplos, figuram a interação, o dialogismo, a identidade, a aquisição e os distúrbios de linguagem, a tradução, a literatura, o letramento, os discursos de ódio.

Inserindo-se nesse horizonte temático, o presente dossiê da Revista *Scripta* reúne reflexões teóricas e reflexões teórico-analíticas sobre diferentes aspectos enunciativos e discursivos da alteridade.

Um primeiro grupo de textos apresenta reflexões teóricas retrospectivas e prospectivas.

O artigo “À sombra do outro: os universos de discurso e os seus critérios de delimitação”, de Filipe Almeida Gomes (PUC Minas) e Carlos Alberto Faraco (UFPR), é um estudo retrospectivo que explora a questão dos universos de discurso, por vezes denominados “campos de criação da cultura”, “campos de utilização da língua”, “esferas de atividade humana”, “esferas ideológicas”, “domínios discursivos” etc. Considerando a ampla

difusão do entendimento de que os discursos carregam consigo marcas atinentes aos diferentes universos que eles integram, os autores têm como objetivo responder à seguinte questão: quais critérios seria possível utilizar para estabelecer a distinção entre os diferentes campos/domínios/esferas/universos em que se manifestam os discursos? Para formular uma resposta, inicialmente, apresentam a reflexão de Eugenio Coseriu. Em seguida, por reconhecerem certa fragilidade no raciocínio de Coseriu, lançam mão da reflexão do filósofo norte-americano Wilbur Marshall Urban. Por fim, Gomes e Faraco concluem defendendo a ideia de que, por passar pela questão dos valores, o critério de delimitação de cada universo de discurso é o outro.

Também retrospectivo é o artigo “Lá onde se lê ‘intersubjetividade’, leia-se ‘diálogo’: Benveniste e o ‘problema do ‘outro’”, de Giovane Fernandes Oliveira (UFPel), cujo objetivo é submeter a um exame crítico o problema do “outro” na teorização enunciativa de Émile Benveniste. Para tanto, o autor examina quatro artigos do linguista sírio-francês, os quais cobrem diferentes décadas de sua carreira, sendo marcos de um percurso intelectual que vai dos anos 1940 aos anos 1960. Após a análise individual de cada texto, Oliveira procede a uma análise de conjunto, cujos resultados lhe permitem sustentar duas conclusões. Primeira conclusão: se o “eu” é pessoa subjetiva e o “tu” é pessoa não subjetiva, visto que apenas o “eu” enuncia, então a relação enunciativa define-se em termos não de intersubjetividade (relação entre “sujeitos”), mas de diálogo (relação entre locutores, cada um dos quais se situa alternadamente como sujeito ao enunciar). Segunda conclusão: o problema do “outro” é teorizado por Benveniste sob dois ângulos – por um lado, como condição

de diálogo (polaridade fundamental) fundante da enunciação e, logo, anterior a ela; por outro lado, como estrutura **do** diálogo (consequência pragmática) instalada pela enunciação e, assim, posterior a ela.

Igualmente filiado à teoria da linguagem benvenistiana, o artigo “O papel da alteridade na aquisição de língua materna em uma abordagem enunciativa”, de Carmem Luci da Costa Silva (UFRGS), é um estudo prospectivo cujo objetivo é, como anuncia o título, abordar o papel da “alteridade” na aquisição de língua materna em uma abordagem enunciativa. Para tanto, a autora retoma suas reflexões anteriores sobre a constituição de duas alteridades (a do “eu” em relação ao “tu”, o outro da alocação, e a do “eu” em relação ao “ELE”, o *outro* da cultura). Essa dupla alteridade, conforme Silva, está atrelada ao dispositivo enunciativo “(eu-tu/ele)-ELE” como comportando as pessoas (“eu-tu”), a língua atualizada no discurso para a constituição de referência (“ele”), conjunto trinitário do qual a cultura (“ELE”) é constitutiva. A base de sustentação desse dispositivo enunciativo está relacionada às reflexões de Benveniste e aos deslocamentos operados por Dany-Robert Dufour e por Valdir do Nascimento Flores a partir de tais reflexões. A fim de abordar o termo e a noção, Silva verifica como a palavra “alteridade”, enquanto forma e sentido, comparece em textos benvenistianos e os aspectos da teorização desse linguista que provocam Dufour a tratar da alteridade em sua reflexão sobre a trindade inscrita na condição humana de falante. Na sequência, o trabalho apresenta o deslocamento realizado outrora por Silva para abordar a alteridade na aquisição de língua materna. A autora chega à conclusão de que a “alteridade eu-tu”, ao atualizar a referência no discurso via língua, contém a “alteridade eu-ELE”.

Outro estudo prospectivo é o artigo “Falas sintomáticas e Clínica de Linguagem: diálogos teóricos com alteridades constitutivas”, de Maria Francisca Lier-DeVitto (PUC-SP) e Lúcia Arantes (PUC-SP), as quais discutem a construção da discursividade própria da Clínica de Linguagem, que tem o sintoma na fala como objeto nodal. Trata-se de um campo teórico-clínico instituído no LAEL-PUCSP, no início dos anos 2000. Segundo as autoras, as elaborações propositivas da Clínica de Linguagem foram instituídas com base em diálogos teóricos com alteridades constitutivas. Nessas relações plurais, campos vizinhos como a Fonoaudiologia, a Aquisição de Linguagem, a Linguística e a Psicanálise são abordados como exterioridades na delimitação de um espaço singular. A oposição entre confrontação e aplicação participa do esforço de explicitação do delineamento de seu contorno. Lier-DeVitto e Arantes sustentam que o contorno discursivo da Clínica de Linguagem respeita tanto a imagem do objeto que o determina quanto as restrições epistemológicas que dele decorrem. Além disso, as pesquisadoras reconhecem a fala sintomática como manifestação ímpar que não se confunde com equívoco ou erro ocasional. Levam em conta, ainda, que a clínica transcende o campo científico da Linguística e que, retendo o compromisso com a linguagem, a direção que tem se apresentado como plausível é a Psicanálise, área que é também chamada como alteridade necessária. As estudiosas concluem que o funcionamento da língua determina uma densidade significativa de uma fala-sintoma e faz emergir a imagem do objeto próprio da Clínica de Linguagem.

Artigo também prospectivo é “L’ironie dans la sémantique argumentative”, de Saori Nishiwaki (Seijo University – Japão).

Ao discutir o fenômeno da ironia no âmbito da Semântica Argumentativa, a pesquisadora revisita postulados apresentados por Oswald Ducrot e Marion Carel – segundo os quais a ironia é definível por sua natureza de enunciação e de conteúdo – com o objetivo de sustentar uma nova tese a respeito do referido fenômeno. Contrariamente à proposta de Ducrot e Carel, para a qual era preciso empregar o instrumental teórico-metodológico da Teoria Argumentativa da Polifonia (TAP) e da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) no exame da ironia, Nishiwaki defende que a ironia deve ser definida unicamente pela TBS, como um caso de conteúdo decalado. Os resultados mostram que o conteúdo irônico não é sempre concebido e excluído. O modo enunciativo do conteúdo irônico pode ser “concebido”, “encontrado” e “recebido”, e sua função textual pode ser “posto na frente”, “posto em segundo plano” ou “excluído”.

Um segundo grupo de textos apresenta reflexões teórico-analíticas sobre aquisição e distúrbios da linguagem.

O artigo “A alteridade em questão na narrativa da criança”, de Marlete Sandra Diedrich (UPF) e Marina de Oliveira (UPF), tem como objetivo investigar a constituição da alteridade na narrativa da criança, à luz dos pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin, especialmente no que se refere à concepção dialógica da linguagem e à constituição do sujeito. Fundamentando-se, principalmente, em *Problemas da obra de Dostoiévski, Para uma filosofia do ato responsável* e *Os gêneros do discurso*, o estudo, derivado da pesquisa desenvolvida por Oliveira em sua dissertação de Mestrado, busca compreender como a criança se constitui como sujeito na relação com o outro a partir de suas práticas narrativas. A metodologia adota uma abordagem

qualitativa, com análise de enunciados ilustrativos produzidos por crianças em contextos de interação verbal, conforme princípios propostos à luz da análise dialógica do discurso. O referencial teórico ancora-se nos conceitos de “dialogismo”, “enunciação”, “alteridade” e “voz”, compreendendo o discurso da criança como atravessado por múltiplas vozes sociais. Nessa direção, as autoras sustentam que a narrativa da criança não é expressão de um “eu” isolado, mas um espaço de encontro entre vozes, revelando a presença ativa do outro na construção do dizer da criança. Os resultados da investigação realizada indicam que a alteridade emerge como elemento estruturante do discurso infantil, sendo constituinte da subjetividade e da linguagem, o que, segundo Diedrich e Oliveira, reforça a tese de que toda enunciação é sempre responsiva e orientada para o outro.

O artigo “Nos nichos domésticos: a criança e o outro no jogo do funcionamento da língua(gem)”, de Rosa Attié Figueira (UNICAMP), examina episódios da trajetória de crianças brasileiras com o português, completados com episódios do francês-língua materna. Trata-se de uma investigação que encerra uma amostra de situações que permitem importantes reflexões sobre a língua(gem) nos anos da infância. Fundamentando-se especialmente em Saussure, Benveniste e Ducrot, o estudo adota uma metodologia longitudinal naturalística e volta sua atenção para a relação da criança com a “língua” e com o “outro” – cenário empírico de uma proposta inscrita no tema “alteridade”, sem efetivamente perder de vista os “fatos de língua”. Ao assumir o diálogo como unidade de análise, contemplando trocas verbais da criança com o adulto ou da criança com outra criança, a pesquisa busca o cenário natural (não elicitado), que possibilita visualizar

de que modo, entre 2 e 5-6 anos, a criança inicia sua relação com a língua materna, em episódios que permitem entrever uma face marcante e singular do funcionamento simbólico.

Igualmente inscrito no escopo das pesquisas sobre a alteridade na aquisição é o artigo “Alteridade e aquisição de língua estrangeira (inglês) na Educação de Jovens e Adultos (EJA)”, de Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho (UNICAP) e Mário Pereira Lima (UNICAP). A fim de observar a relação de alteridade que o adulto estabelece no processo de aquisição de uma língua estrangeira (inglês), essa pesquisa assume a proposta interacionista inaugurada por Cláudia de Lemos no campo da aquisição de linguagem. Para tanto, o estudo coloca em destaque quatro cenas ocorridas em sala de aula, as quais apontaram que, tal como a criança em aquisição de linguagem necessita de representações simbólicas, isto é, precisa ser colocada em situações de fala e de escrita, na aquisição de uma segunda língua, essas representações também são determinantes para a captura do adulto. Contudo, na aquisição de uma língua estrangeira, há uma alteridade ainda mais radical, visto que, devido à resistência à nova língua, o outro (professor) precisa observar as fissuras que aparecem na resistência à fala para, então, mobilizar o estudante em direção ao Outro e, conseqüentemente, à língua. Nessa mobilização, pode haver ou não captura, por ser da ordem do inconsciente e, portanto, singular, necessita que o sujeito se deixe ser capturado, diferentemente da língua materna, que já está lá antes de o sujeito vir a ser.

O artigo “As repetições e as possibilidades de entrever traços de sujeito na doença de Alzheimer”, de Milena Cordeiro Barbosa (UESB) e Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB),

volta-se às alterações na memória motivadas pela doença de Alzheimer (DA). O estudo começa por pontuar que a memória, do ponto de vista cognitivo, é um produto da atividade cerebral e das relações sinápticas que transformam estímulos em aprendizado. Ao utilizar o aporte teórico da Neurolinguística Discursiva em diálogo com a Psicanálise Lacaniana, analisa dados de repetições de quatro sujeitos quanto às funções desempenhadas na formulação do texto oral e no discurso, seguido pela apresentação de dois episódios enunciativo-discursivos a partir dos quais se buscam as relações de sentido adjacentes às repetições. Os achados do estudo revelam que as repetições não se reduzem a meros atos metalinguísticos ou sintomas de linguagem. Demonstram, em realidade, dificuldades que os sujeitos apresentam ao se colocar no discurso e ao elaborar narrativas. As repetições expressam-se enquanto recurso para a elaboração, a reelaboração e a reparação do dito.

Um terceiro grupo, constituído por dois textos, apresenta reflexões teórico-analíticas no âmbito do letramento acadêmico.

O primeiro artigo, intitulado “Representação do discurso outro em práticas de letramento acadêmico de universitários brasileiros e franceses no enfrentamento da desinformação”, de Gabriel Guimarães Alexandre (UNESP), Fabiana Komesu (UNESP), Cédric Fluckiger (Université de Lille – França) e Juliana Alves Assis (PUC Minas), volta-se para os estudos sobre discurso relatado, especialmente para aqueles que tratam da representação do discurso outro (RDO). O principal objetivo da pesquisa é investigar como a RDO pode ser reconhecida em práticas de letramento acadêmico de universitários brasileiros

e franceses, quando da demanda institucional, em produções textuais escritas, de análise de fake news em uma atividade acadêmica. Para tanto, descreve e interpreta aspectos linguístico-discursivos da RDO, com indícios de reflexividade em linguagem, considerando-se semelhanças e/ou diferenças desses aspectos entre os estudantes dos dois países. A pesquisa é qualitativa e de caráter exploratório, com análises feitas de maneira longitudinal e com *corpus* constituído por produções textuais escritas de universitários (n = 191), coletadas numa universidade do Brasil e numa universidade da França. A organização do conjunto do material e da análise foi realizada com o *software* de análise de dados textuais MAXQDA. Os resultados demonstram o potencial explicativo desse fenômeno linguístico-discursivo, com destaque a contribuições para a pesquisa e para a formação pedagógica dos estudantes, sobretudo no que se refere à gestão da palavra alheia em atividades acadêmicas não convencionais. O segundo artigo, “Rasuras digitais e memória digital na escrita acadêmico-científica”, de Cristiane Capristano (UEM) e Tatiane Henrique Souza Machado (UEM), busca desenvolver uma reflexão teórico-analítica sobre as rasuras digitais presentes na produção escrita de universitárias, com a finalidade de identificar os modos como se mostram, na atuação da memória digital, as negociações do sujeito-escrevente com os diferentes Outros constitutivos do (seu) dizer. Tem-se como ponto de partida uma perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, de língua e de escrita, alicerçada na confluência de contribuições teóricas de estudos sobre a rasura, estudos sobre memória digital e estudos sobre as heterogeneidades enunciativas. O *corpus* foi composto por 130 rascunhos digitais de resenhas acadêmicas, produzidas

por alunas de um curso de Pedagogia. A análise das rasuras digitais identificadas nesses rascunhos foi desenvolvida de forma quanti-qualitativa, inspirada em princípios do Paradigma Indiciário. Foram identificadas e analisadas 614 rasuras digitais. Como resultado, foi possível sustentar a hipótese de que as rasuras digitais funcionam como movimentos retrospectivos que sinalizam o sujeito negociando com diferentes Outros na constituição do (seu) projeto de dizer. Nessa negociação, é possível inferir a atuação da memória digital que acomoda os sentidos algoritmizados, mas, também, a possibilidade de ruptura, dada a diversidade social e histórica dos sujeitos que enunciam, da língua e da escrita.

Um quarto grupo, também constituído por dois textos, apresenta reflexões teórico-analíticas a partir de *corpus* literário. O primeiro artigo, “Enunciar entre a presença e a ausência: (re) valorações da palavra-alheia a partir de *A outra filha*, de Annie Ernaux”, de Maria Eduarda Freitas Moraes (PUCRS) e Maria Ottilia Rodrigues Cruz (PUCRS), sustenta que a alteridade, objeto constitutivo dos estudos do discurso, é condição para o estabelecimento de relações dialógicas. Em uma abordagem bakhtiniana, a palavra, como signo ideológico, vivifica um objeto do dizer, encarnando já ditos e produzindo novas valorações acerca do objeto. Partindo dessa perspectiva teórica, o estudo discute as possibilidades de reavaliação da experiência da morte e da perda no âmbito social por meio da linguagem. O texto *A outra filha*, de Annie Ernaux, foi eleito como objeto da análise dialética-dialógica. Para análise e discussão, utiliza-se como principais categorias as noções de “heterodiscurso”, “palavras-alheias”, “signo ideológico”, “relações dialógicas” e

“cronotopo”. Observa-se de que modo os enunciados propostos por Ernaux no seu texto permitem uma reavaliação da alteridade em ausência da irmã falecida. O estudo conclui que a alteridade ético-estética da autossociobiografia permite refletir e refratar diferentes sentidos para as palavras-alheias que nomeiam experiências sociais de perda.

O segundo artigo, “Temas, figuras e aspectos enunciativos em *Akira*, de Katsuhiro Otomo”, de Juciano Rocha Professor (UFMS) e Geraldo Vicente Martins (UFMS), apresenta uma análise semiótica do mangá *Akira*, de Katsuhiro Otomo, a partir da perspectiva discursiva greimasiana. A análise ancora-se nos níveis profundo e superficial do percurso gerativo de sentido, com atenção especial aos conceitos de “temas” e “figuras”, de um lado, e de “enunciação”, de outro. Observou-se, na análise, que a categoria semântica que estrutura a obra em seu nível fundamental é a oposição /identidade/ versus /alteridade/. No nível discursivo, essa dualidade se concretiza em temas como união, pertencimento, diferença e isolamento, relacionados às figuras dos personagens Akira, Tetsuo, Kaneda e Kei, bem como às figuras corpo e cidade de Neo-Tóquio. A visualidade, elemento essencial nos mangás, é explorada em *Akira* por meio de categorias plásticas (cromáticas, eidéticas e topológicas), que reforçam os efeitos de sentido e os valores ideológicos da narrativa. O estudo também mostra que os efeitos enunciativos de realidade e de subjetividade, articulados por meio de debreagens enunciativa e enunciva, contribuem para a construção dos sentidos da obra.

O grupo que encerra este dossiê temático é constituído por três artigos teórico-analíticos em torno de questões enunciativo-discursivas centradas na alteridade, na autoria e na memória.

O primeiro artigo, “Memórias sobre a dor: alteridade, autolesão e escrita”, de Roberta Vieira (UNESP) e Lourenço Chacon (UNESP), parte da hipótese de que a linguagem – neste caso, em seu acontecimento escrito – pode ser um lugar privilegiado para a significação da dor. O objetivo do estudo foi investigar possíveis marcas de alteridade na representação escrita da autolesão, ou seja, no acontecimento (escrito) sobre a autolesão. Sob enfoque linguístico-discursivo, no qual a escrita é entendida como acontecimento, foi observada a relação de alteridade entre o que se mostrava na materialidade linguística dessa escrita e as formações ideológico-inconscientes que constituíam/determinavam o que emergia e o que era apagado nela. Compuseram o *corpus* 29 acontecimentos escritos por uma adolescente que realizava autolesões, atendida por uma fonoaudióloga em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij). Em 12 acontecimentos, as autolesões foram materializadas linguisticamente. Destes, em 07, a escrita as revivia e, em 05, as resignificava. Na atualidade dos acontecimentos, foram encontradas marcas de (sua) alteridade com: (i) os discursos da biomedicina, do emagrecimento do corpo e da tradição judaico-cristã da culpa; (ii) pré-construídos discursivos; e (iii) o sujeito terapeuta. A escrita pode ocupar, pois, conforme a hipótese que orientou a investigação, um lugar privilegiado para a significação dessa forma de dor – a autolesão.

O segundo artigo, “Autoria no plano da constituição interativa eu-outro: estudo da arquitetônica das posições no enunciado”, de Aline Milena Borges da Silva Dias (UFPE), ao fundamentar-se no arcabouço teórico bakhtiniano, sustenta que a autoria é um plano especial de realização da alteridade constituinte de todo

dizer. Para tanto, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, caracterizando-se como descritiva, bibliográfica e documental, cuja fundamentação consiste em estudos da teoria dialógica da linguagem e de sua vertente brasileira, a Análise Dialógica do Discurso (ADD). Os resultados apontaram haver, no enunciado, uma posição não equivalente ao ser de existência real, mas refratada por ele e refratante de outras posições com as quais se realiza o diálogo. Tal posição criadora se relaciona ao conceito de forma arquitetônica, quando o autor, ao atuar com uma forma material na individualização de um conteúdo, torna-a expressão de sua atitude valorativa. Finalmente, a análise de uma versão recente de charge demonstrou haver, mesmo diante de semelhanças com enunciados anteriores, a autoria, haja vista a organização de um novo plano de relações entre vozes polêmicas do período.

Encerra este dossiê o artigo “Enunciação e memória discursiva: análise do verbo ‘sextar’”, de Luiz Francisco Dias (UFMG) e Thalita Nogueira Dias (UFMG). Ao analisar o funcionamento enunciativo do verbo “sextar”, à luz de uma perspectiva que compõe a chamada Semântica da Enunciação, o estudo observa que o verbo opera como predicação autonômica, abrigando internamente uma formação nominal vinculada à memória discursiva da sexta-feira como marco simbólico entre trabalho e lazer. Examina, para tanto, seis redes enunciativas com dados coletados no Twitter e evidencia diferentes modos de atualização da memória e de construção da pertinência enunciativa. A análise demonstra que “sextar” funciona de forma semelhante a verbos de fenômenos da natureza, ativando sentidos mesmo sem sujeito gramatical explícito. Ao tornar-se índice de experiências individuais e coletivas, a circulação do

referido verbo revela o entrelaçamento entre linguagem, tempo social e identidade, confirmando que o sentido se constitui na articulação entre memória e atualidade.

Ao fim e ao cabo, com esse conjunto de textos, o presente dossiê congrega trabalhos provenientes de mais de 16 universidades, presentes em diferentes regiões do Brasil e do mundo. Em nosso entendimento, essa pluralidade institucional pode ser vista como um testemunho da relevância da alteridade nos estudos da enunciação e do discurso e, ao mesmo tempo, como um convite.

Boa leitura!